



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 17 de Abril de 1993 • Ano L - N.º 1281 - Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Cinquenta anos depois

VENHO de uma volta pela quinta. Primeiro, para deixar os estudantes ocupados em trabalhos que só em férias é possível «levar de cabo a rabo». E também para me inspirar para esta nota celebrativa do aniversário que nestes dias se cumpre.

É verdade!, passaram cinquenta anos sobre aquele de 1943 cujos primeiros meses foram de intensa azáfama para Pai Américo a fim de receber da Junta de Província do Douro Litoral os restos do Convento de Paço de Sousa e respectiva Cerca, conforme se constata do Boletim de então da referida Junta, que tenho sob os olhos.

Não é fazer história

Mas não é fazer história o que me move. Somente dar graças a Deus por tudo quanto, apesar da «fragilidade das nossas misérias», se realizou e está realizando nesta terra de Egas Moniz onde, desde o nascimento de Portugal até 1834, os monges beneditinos «oraram e trabalharam» — tradição que Pai Américo abraçou e se continua.

Egas Moniz sugere-nos a Honradez — meta do «fazer de cada rapaz um homem» que é a nossa missão. Honradez fundada na piedade e no trabalho: no tudo confiar a Deus como se nada dependesse de nós; e em tudo fazer como se só do nosso esforço dependesse a fecundidade da vida.

Nesta «seara imensa do trigo e do joio, que somos», em cada momento nos parece a Sementeira em risco de perder-se. Diante dos olhos da carne, do coração de homem, mais se alevanta o joio do que o trigo.

Pai Américo sabia e preveniu-nos: «Os padres da rua são, por natureza, o Pai de Famílias, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final».

Mas também nos deixou esta palavra de ordem, de confirmação na Fé: «Apaixonados de Cristo, recordem a toda a hora que sem Ele nada é possível e com Ele nada é

Continua na página 4



Pioneiros

CINQUENTA anos. Uma vida! Neste santuário d'almas passaram tantas gerações! Recordamos especialmente a gesta heróica de Pai Américo, sem contas d'aritmética, concretizando aqui, em Paço de Sousa, o sonho duma Aldeia de Rapazes: Obra deles, para eles, por eles. Um profeta que revolucionou os instalados. Deu luz da Luz a tanta gente, em tempo de vacas magras! Os garotos da Rua quase não tinham direitos de cidadania... Pobres, esfarrapados, esfomeados, vinham, pelo seu pé!, bater à

«O arvoredado dá frescura às casas da nossa Aldeia» — diz Pai Américo. E acrescenta: «Em cada canto há encantos».

porta que se abria — Porta Aberta sem grades nem grillhetas — pedindo acolhimento para serem homens d'amanhã, úteis à Pátria.

Recordamos também os pioneiros da Casa do Gaiato das Ruas do Porto. Não interessam os nomes. Alguns já partiram para o Além. Dois pequenos grupos viemos de Miranda do Corvo pela mão de Pai Américo, antes da construção da formosa Aldeia — inovação para o País que somos. Instalámo-nos em arruinado Mosteiro Beneditino. Curioso seria referir as peripécias no arranjo e limpeza do imóvel degradado — para nosso poiso. As tarefas de cada um. A colaboração de duas senhoras, pelo menos, que nos serviram de mães.

Por fim — naquele tempo — o trabalho insano de Pai Américo no lançamento da Obra da Rua no Porto, em todo o Norte do País, anunciando o Mandamento Novo nas igrejas, postos de rádio, praias, termas, cinemas, até em casinos! — para escândalo dos fariseus. Não tinha mãos a medir! A força da sua palavra, assente no Mandamento Novo, testemunhava o gravíssimo problema do garoto das Ruas, a miséria dos Pobres que visitava. Rasgava almas e corações que se despojavam de luxos que tinham à mão...! Cenas gravadas para todo o sempre. Qual argamassa da nossa Aldeia em construção, adubo da Obra da Rua.

À distância, com os olhos no Tempo, mais saborosa é para nós outros esta breve avaliação da história jubilar da Comunidade. Deus sabe tudo — com perfeição. A Obra é d'Ele!

Júlio Mendes



Conferência de Paço de Sousa

ESTROPIADOS — Não vamos falar da incomensurável legião de vítimas da turbulência no *Terceiro Mundo*. A guerra! Os interesses visíveis e invisíveis... que a provocam e mantêm por todo o lado — sem olhar a meios! Lutas fratricidas. Mortes horrorosas. Países destruídos. Verdadeiras hecatombes!

Vamos falar, sim, de alguns estropiados nesta velha Casa lusitana (por acidentes de toda a ordem: no trabalho, na estrada, etc.) cuja estatística impressiona a nível dos restantes membros da CE.

Atendemos os mais aflitos, que sofrem as consequências da sua incapacidade e quase se desintegram do meio, agravando-se-lhes no espírito os problemas da solidão, da inatividade. Quanto mais novos, pior!

Desta vez, são dois. Um que se mortifica, também pela morosidade da Justiça. Outro, a caminho da *terceira idade*, cujo mal o vai minando lentamente e desejaria requerer subsídio de grande incapacidade.

Horas de desabafo e lágrimas. De histórias sem fim. Horas de dor que precisamos de escutar e, com as nossas limitações, deitar a mão no que for necessário. Animar os desanimados: — *A gente precisa de quem nos bote a mão!*... É verdade! Sem qualquer marginalização.

PARTILHA — Cheque da assinante 31254, de Fiães (Lourosa), «para distribuírem como entenderem. Seja por alma de meu pai». À religiosa

Pelas CASAS DO GAIATO

intenção junta a Caridade no bom sentido.

Presente a assinante 9708, de Coimbra, cidade dos doutores, partilhando o seu óbolo por quem «continua a precisar de medicamentos, pequena ajuda para os doentes mais necessitados». Lembra também os pais — que Deus haja — e da pagela que emoldura o seu gesto citamos Tomás de Celano: «*Avezinhas, minhas irmãs, muito tendes que louvar o vosso Criador. Ele deu-vos por morada a limpidez do espaço. Vós não semeais nem colheis e, apesar disso, Ele vos protege e guia*». Oh riqueza!

Mais um foliar de Páscoa, da «*Avó dos cinco netinhos*», para «os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», e um desabafo: «*Ando preocupada com o neto mais velho, que já tem dezassete anos — o Senhor o guarde*».

Uma transmontana, de Lagoa (Macedo de Cavaleiros), manda «o que prometi (5.000\$00) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, referente aos meses de Março e Abril». Perseverança!

Vancouver (Canadá): Uma assinante d' O GAIATO «*envia esta pequena recordação, com alegria, para que seja entregue na Páscoa da Ressurreição a quem mais precisar*». Aleluia!

Lisboa: «*Renovo a minha assinatura (49647) do sempre útil, esperado e benfazejo O GAIATO e o remanescente seja aplicado nos casos mais necessários*».

Maria do Rosário, do Porto, com «*esta insignificância (mil escudos) que me perdoarão, para ajuda das amêndoas dos Pobres*» e «*votos de santa Páscoa*». Mais uma transferência bancária, da assinante 17588, de Bad Bentheim (Alemanha).

«*Como de costume*», um cheque da assinante 31104, da Capital, lembrando «*os entes muitos queridos e preocupando aliviar os Pobres que mais necessitam — intenção que Deus se digne aceitar e ter piedade de mim*». Uma Oração!

Retribuímos os votos de santa Páscoa e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

BENGUELA

CARAS NOVAS — Vieram para a nossa Casa mais sete pequenos do Abrigo. Depois, mais dez do Cubal. Agora, somos quarenta. Um bom grupo! Esperamos, brevemente, mais trinta para a casa já quase pronta.

A NOSSA COMUNIDADE — Duma maneira geral temos estado bem, graças a Deus. No que se refere à saúde de toda a gente, só de vez em quando sofremos umas ligeiras gripes.

UM CASO — O Tozé tinha uma galinha que se deu ao luxo de fugir sem darmos conta. Entretanto, aparece com catorze pintos bem bonitos!

Tratámos logo de cuidar bem dela, pois arrastava uma boa ninhada. Com certeza por ser tão mimada por todos, morreu!

Os catorze pintinhos estão cada vez mais bonitos e um pouco desorientados pelo desaparecimento da mãe que chocou os ovos na confusão da guerra.

Por agora é tudo. Um grande abraço do

Benjamim Alves

TOJAL

COZINHA — O Hélio, quase a acabar o curso de Hotelaria e Turismo (cozinha), trouxe até nós os seus colegas. Tarefa deles: preparar o almoço, aliviando o trabalho que ocuparia toda a manhã às senhoras. Há tanto que fazer em nossa Casa, e elas são tão poucas, que ajudas destas nunca se dispensam. Foi bom para eles. Estão a começar e sem prática pouco se sabe fazer.

O nosso obrigado. Quando houver por aí alguém, mesmo sem curso, façam-nos esta colaboração.

CARA NOVA — Chama-se Carlos. Tem quatro anos. Quem olhar para ele dá-lhe três. Esperamos que, dentro de algum tempo, comece a engordar. Neste momento o que mais necessita é ganhar peso, senão foge com o vento...

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Os irmãos que visitamos, na sua maioria são pessoas idosas. Muito maltratados pela vida, muito doentes. As suas queixas são as suas maleitas, frequentemente a falta de dinheiro para comprar medicamentos. Sempre que podemos, vamos ajudando.

A senhora Maria José é uma dessas velhinhas, com grave doença de rins. Pede ajuda para a compra de óculos para o filho, ele também muito doente. Marcámos encontro com o rapaz para ir ao oftalmologista. Depois, o oculista dar-nos-á o orçamento dos óculos.

No dia seguinte fomos saber e já os óculos tinham sido aviaados! O próprio sr. Adão esclareceu a extrema urgência na entrega, pois o rapaz está quase cego. Ainda disse mais: «Sempre que tenham situações destas não esperem, venham cá». Tem oferecido os óculos aos nossos Pobres. Desta vez, achámos que seria abusar de tanta generosidade. Vamos pagar metade e estaremos mais à vontade.

Senhor Padre Telmo: Aqui vai um abraço das velhinhas que visitava na Rua da Vitória. Sempre que lá vamos perguntam pela sua situação. Quanto a nós, trabalhamos com a mesma alegria que nos deixou. Um beijo de cada um dos vicentinos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 32409, 3.000\$00. Anónimo, 2.000\$00. Amora, 5.000\$00. Anónimo, 10.000\$00. Maria, 500\$00. Anónimo, 100\$00, Augusta, 1.000\$00. Leonilde, 7.000\$00. Sufragando a alma dos seus queridos, 10.000\$00. Vila de Paço, 5.000\$00. M. M., 5.000\$00. Almeida, 10.000\$00.

Uma vicentina

Festas

LISBOA

Principiam neste fim-de-semana. Dois pedidos urgentes: Primeiro — Em nossa Casa a moda é cabelo à tropa. O calor já aperta e chegadas as Festas alguns fazem *travestis* e há necessidade de usar cabeleiras. Se houver algum cabeludo que já não as use, aqui serão precisas. Segundo — Precisamos de pinturas. Haverá muita personagem feminina em palco e não queremos que deixem de se parecer um pouco com elas...

Luís Miguel Fontes

Dia 18 de Abril, 15,30 h — Salão do Grupo Musical e Recreativo da Bemposta — BUCELAS
Dia 25 de Abril, 15,30 h — Cine 359 — LOURINHÃ
Dia 2 de Maio, 15,30 h — Instituto de ODIVELAS
Dia 9 de Maio, 15,30 h — Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus — LISBOA
Dia 15 e 16 de Maio, 15,30 h — Salão da Igreja de Cristo Rei — PORTELA DE SACAVEM

SETÚBAL

Com belíssima arte, cor e música, os nossos rapazes da Casa do Galato de Setúbal mostrarão, uma vez mais, todo o encanto da Festa. Os «Batatinhas», com graciosidade, afirmar-se-ão plenos e soberanos do espectáculo. D. Cellina, com os seus oitenta e dois anos, mostra-se incansável tal como a D. Isaura, na confecção do guarda-roupa.

Octávio Resende

Dia 24 de Abril - 21,30 h — Auditório da Anunciada — SETÚBAL
Dia 30 de Abril - 21,30 h — Sociedade Filarmónica Quintanhence — QUINTA DO ANJO
Dia 1 de Maio - 21,30 h — Cine-Teatro S. João — PALMELA

Toxicod dependência

Já a viver a alegria pascal, sinto um pouco esta alegria como algo de fugidio a que me agarro e esperando a Alegria Plena. É assim a vida. Vai-nos dando a saborear pequenos nacos de tudo o que esperamos a fim de não perdermos a força no caminhar sempre hesitante.

Esta minha pequena alegria tem a ver com a Quaresma que me foi dado viver. Já não sei se invejo as pessoas que traçam um programa e o seguem à risca. Os meus problemas vão sempre ao ar e as quaresmas que se me apresentam são quase sempre outras. São também outros os frutos.

Num domingo de Março, soalheiro e promissor de serenidade e paz, depois do almoço, vem-me ao encontro um moço de 23 anos. Já o tinha visto uma vez. Nem me cumprimenta lançando à queima roupa: «Deixe-me ficar, quero curar-me». Rapidamente deu para perceber o que se estava a passar. A doença era a toxicod dependência.

Foi um rapaz que cresceu aqui em nossa Casa até aos dezasseis anos. Fez um

ENCONTROS em Lisboa

curso de carpinteiro de limpos. Açou que já estava capaz de enfrentar sozinho a vida e, desafiado por uns «restos» de família, aí vai ele à sorte, apesar de ser bem aconselhado a ficar mais algum tempo. Volta-nos agora, neste estado, irreconhecível.

O Zézinho, agora com 17 anos, preocupado, procurou-me para desabafar: «Olhe que ele foi o meu chefe de camarata».

Aceitei o desafio de o deixar ficar. Não seríamos, porém, a solução para a sua cura porque não temos condições nem saber. Caminhos a trilhar para encontrar uma saída?

Correntes divergentes

A partir daquele momento telefonei, fui, pedi informações. Depressa me apercebi do quanto estamos desprovidos de meios para acorrer a estas situações. Apercebi-me também, com dor, dos magros resultados conseguidos. Verifiquei que existem

três ou quatro correntes, mais ou menos divergentes, que procuram acercar-se do problema que vão desde a medicina oficial com todo o seu conjunto de fármacos até às medicinas «heterodoxas», passando pelas comunidades terapêuticas, para não falarmos nos milagreiros sempre prontos a encher a carteira com a desgraça alheia. Optei por uma comunidade terapêutica porque o problema da droga não é apenas uma dependência física de um determinado químico mas é toda a atitude de vida, uma forma de estar e sentir a sociedade em que vivemos e os desafios que nos apresenta.

Não tenho competência para analisar as causas que conduzem à toxicod dependência. Sei que hoje o problema não atinge só uma franja da sociedade mas se encontra em todas as camadas sociais, atingindo mesmo de forma feroz as zonas rurais. Sei do sofrimento de muitas famílias que, às vezes de forma

envergonhada, vão carregando a sua cruz e se vão destruindo lentamente sem o mínimo de luz no horizonte. Entra-se em pânico. Esconde-se o problema e ele vai minando tudo. Parece-me que é necessário falar-mos sobre o assunto. Não só as famílias que têm o problema mas também as outras. O mal surge onde, aparentemente, tudo indicaria que não surgiria porque, embora se possam encontrar algumas constantes, neste momento, ninguém está ao abrigo. Temos que estar conscientes disto e não metermos a cabeça debaixo da asa como faz a avestruz.

Precisamos de reflectir

Com esta problemática dentro da minha cabeça, passei pelo salão onde os ensaios para as Festas decorriam. Todos os artistas aí se encontram. Os números sucediam-se com eles a subir e descer do palco,



SETÚBAL

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

A pequena crónica de hoje sai de um hospital de Lisboa onde tive de baixar.

Lá ficaram, na Casa do Gaiato, os meus 150 rapazes no seu posto. Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Tudo entregue a eles. Comigo a confiança plena de que eles são dignos desta prova.

O dinheiro, com o segredo do cofre. Livro de cheques assinados. Os doentes com os seus cuidados. As oficinas e os estudantes. Os transportes e os carros mai-los tractores e os trabalhos da quinta. As hortas com um grande batatal a romper e viveiros de tomate e legumes a emergir. O grande pomar em flor. As obras a acabar e a começar.

Ontem, já adiantada a noite, fizemos uma reunião e tudo ficou definido. Agora é que vou ver o que os chefes valem. É na minha ausência que cada um melhor se manifesta. Tenho a certeza de que irei ter agradáveis notícias.

Estou a escrever o argumento da Festa. Os ensaios, e o pedido das casas, a marcação das datas, tudo será com eles. Comigo uma paz plena, a certeza de que estou nas mãos de Deus e de que tudo necessariamente correrá

bem e uma pontinha de saudade dos deliciosos «Batatinhas» mais das suas heróicas mães.

Recado muito importante

Os jovens da Conferência Vicentina continuam a tarefa iniciada no sábado 27/3: baterem porta a porta.

Deixei-lhes um recado muito importante e sempre novo: — Os que têm boas vivendas com piscina; os que têm várias habitações na praia, no campo e na cidade; os que se passeiam ou simplesmente utilizam carros de luxo — precisam muito mais da insistência destes jovens cristãos do que a família da Rua Jacob Queimado. É uma obra de misericórdia bater-lhes à porta. A Palavra do Mestre conta o caso do rico avarento lançado aos tormentos eternos e do pobre Lázaro nas delícias do seio de Abraão.

A campanha tem sido secundada por muitos leitores d'O GAIATO. Os Reformados, as Viúvas, os Pobres estão sempre na primeira linha de comunhão na dor dos pobres. As mensagens que acompanham os cheques são lindas e muito encorajadoras. Os cheques e os vales de correio traduzindo renúncias e privações transportam os dons de Deus e tornam sensível o Seu Espírito.

Padre Aclio

Vistas de dentro

Dois bolos da Páscoa

Teve um sabor delicioso o primeiro, que os nossos, da Casa de Moçambique, nos ofereceram. O filme em vídeo, na nossa televisão,

rindo, criticando, dando a opinião. Todos participavam e percebiam que aquilo era deles. Era obra das suas inteligências e vontades. Realizavam-se como homens criadores.

Estou em crer que hoje em dia precisamos de reflectir um pouco sobre a nossa forma de estar na sociedade. Precisamos de novos modos culturais onde as pessoas passem de meros entes passivos e consumidores de bens para intervenientes no processo de gestão cultural. Vejamos, hoje tudo passou a comercializar-se: são os tempos livres, os almoços e jantares, é o rodear-se de coisas. Basta ter dinheiro. Onde ficou a criatividade humana? Onde está o sentir as coisas como realização pessoal? Onde o espaço para a expressividade pessoal e a amizade? Compra-se a droga como se compra um prazer, um almoço, um jogo, uma moto. Sem tempos e espaços para a criatividade pessoal e colectiva, o homem fica mais pobre e mais vazio. Gostaríamos de ver os pais e filhos implicados em realizar algo em conjunto. Para isso é preciso começarmos por nos sentarmos e reflectirmos em conjunto.

Padre Manuel Cristóvão

encantou-nos e emocionou-nos durante aquela escassa hora e meia. Estivemos presos de alma e coração.

Vimos a grande aldeia com novecentas famílias e oito mil pessoas onde os nossos também habitam nos blocos construídos de urgência. Vimos as várias pequenas oficinas-escola: de

sapataria, carpintaria, alfaiataria, olaria, funilaria. Todas com muita vida e mãos de alegria no trabalho.

As camaratas com as camas arrumadas. A cozinha com limpeza e apetitosa. A sala de jantar com toalhas nas mesas e cada coisa no seu lugar. As suas danças e seus cantares. Caras luzidias e

muito alegres. Ambiente de felicidade.

A oito quilómetros de distância admirámos a fazenda onde irá ser construída a Aldeia da Casa do Gaiato. Já estão a levantar o primeiro edifício que será para as oficinas. Todos lá vão trabalhar. A camioneta, fora do horário da escola, leva uma grande carrada e todos vão ajudar: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Ao cimo vê-se a grande albufeira que há-de regar a horta. Grande esperança!

Devido às chuvas dos últimos meses os milheirais estão a crescer cheios de verdura. Folhas largas e a ondular. Promessa de pão para todos.

No cantar do «Baião, Baião», acompanhado de movimentos e braços estendidos, com a legenda «Casa do Gaiato» no écran, saboreámos este bolo delicioso, feito pela vida desta família de longe que faz parte da grande Família que é toda a Obra da Rua que nos une. Jesus Cristo em cada um de nós faz a União.

Segundo bolo

Um dos nossos, casado há onze anos, foi agora habitar a sua primeira e nova casinha. Ele e a mulher sonharam-na, unidos no trabalho e na economia. Compraram o terreno, construíram a maior parte por suas próprias mãos, foram esperando activamente e agora tudo aquilo é um cântico de vitória.

Quiseram convidar-nos para o almoço desse



Na cozinha, o Almeida posa para os Leitores.

DOCTRINA



...enamorado do garoto mais da sorte dele...

● O terceiro turno descolou do mesmo sítio e à mesma hora dos mais, na costumada barafunda do «deixe-me ir também». Esta súplica sai do coração de inúmeros miúdos, prontos a embarcar, que furam grades e portas, penetrando sem licença na gare e assaltando o comboio da hora da partida; mas não pode ser. As listas estão organizadas e preenchidas em número compatível com as acomodações da Casa.

● A gente não pode deitar dois garotos em cada leito, como eles fazem nos seus, que o nosso fito é justamente levantar o nível de vida, dar a cada um asseio e conforto, dentro da medida da nossa pobreza. Também não queremos levantar o número de cada grupo acima de quarenta, porquanto a experiência nos tem dito e ensinado que os grandes números diminuem consideravelmente a acção junto de cada rapaz. Quem está de fora, porém, não compreende estas coisas. Os pais empurram os filhos para o local de embarque e vão buscar cartas de empenho para eu os conduzir. Os mirones, da gare, com pena do menino que chora, fazem por sua vez tal violência aos meus propósitos que me levam a formular o pensamento interior de mudar de terra e de vida, cansado de tanta coisa.

● Em grupos de trinta e seis a quarenta garotos rende mais o nosso trabalho, é mais profícua a nossa acção. Acompanham-se os pequenos mais e melhor na mesa, nos passeios, no banho, nos dormitórios. Os mais atentos aprendem assim mais depressa e na mesma marcha ensinam os outros. A hora dos avisos, ao cair da noite, é a mais rendosa de toda a vida das Colónias de Férias. É naturalmente impossível que a memória dos pequenitos não guarde, para ruminar pela vida além, as coisas altas que naquelas ocasiões se lhes ensinam — a menos que algum deles seja anormal. O caso da fruta da quinta é o índice mais seguro do muito que se pode fazer com a massa tão dócil destas adoráveis criaturas: a toda a hora e momento (foi assim nos dois turnos passados) apareceram pequenos com fruta caída, deliciosa e sedutora, que eles apanham e entregam, religiosamente, na força do aviso dado de que ninguém pode comer fruta às escondidas.

● Eu acredito nos recursos e na força espiritual da alma, através e por amor da qual a Graça transforma e muda os corações. O Padre Flanagan chama «santuário» à cidade dos seus rapazes. Não lidamos com vadios, nem com viciosos nem com indesejáveis; os santuários são para as coisas sagradas. Assim vêem os meus olhos todos e cada um dos colonos — coisa sagrada.

D. Amén. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

domingo. O casal, os três filhos pequeninos e nós. Almoço de família. A alegria de estar à mesa nova, com tudo novo à volta e um lugar para todos.

Tivemos de ir ver toda a casa. Tudo bem planeado. — Olhe: o sótão bem dividido, dará um dia para um dos nossos filhos. O rés-do-chão dará muito bem para outro. Já fizemos tudo a contar com eles. O quintal há-de ajudar a criar o pão para a família.

Quiseram dizer as suas contas. Ambos trabalham longe e ganham pouco. Quanto gastam no passe de comboio. Quanto têm de

pagar à Banca pelos dois mil e quinhentos contos que pediram emprestados. Quanto custa a mercearia por mês. Os livros e material escolar do filho mais velho. O almoço para um, dividido pelos dois, que comem na cantina. — Ao fim do mês só ficamos com dez contos que não chegam para nada. Mas a vida tem de ser de sacrifício, para ser alegre. E, assim, nos despedimos com este beijo de alegria.

Que saboroso também foi este bolo que o Senhor Ressuscitado nos deu em comunhão de Família!

Padre Horácio

Cinquenta anos depois



No meio do largo da Capela, Pai Américo, de batina, preside à recitação do Terço.

Continuação da página 1

Mas também nos deixou esta palavra de ordem, de confirmação na Fé: «Apaixonados de Cristo, recordem a toda a hora que sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível. Neste sentido não aceita dúvidas. É um obreiro do Senhor que vê a Obra feita antes de começar».

«Neste sentido»... se acredita na obra divina de transmutar o joio em trigo. Talvez a engenharia genética um dia se proponha este prodígio. A Graça eternamente o faz. Na Sua hora derradeira foi o que Cristo fez. De Dimas, o ladrão Seu companheiro na Cruz, fez Seu par para sempre: «Hoje mesmo estarás coMigo no Paraíso».

Bastou um instante de arrependimento expresso em uma palavra de Justiça ao outro companheiro na cruz: «Nós estamos aqui porque merecemos, mas Este...»

Quantos Dimas não contará a História da Humanidade, a História da Salvação?!

Seara imensa do trigo e do joio

«Seara imensa do trigo e do joio» — somos. «Um só que se salvasse... e valeria a pena. Mas eles são tantos, eles são tantos...!»

Esta, outra palavra verdadeiramente inspirada a Pai Américo para alento daqueles que pelo tempo em fora hajam de ser seguidores do caminho por que Deus o chamou.

Hoje passaram cinquenta anos. Outros cinquenta e mais cinquenta... e esta palavra será luz e força para os vindouros como foi e é para os que passaram e passam.

Tantas gerações! Tantos avós a Obra conta entre os seus filhos. Tantos, mas só Deus sabe, só a Ele pertence saber exactamente quantos são trigo Seu.

A nós, nesta hora e sempre, pertence apenas saber que é infinita a Sua Misericórdia e que a nossa vida, gasta até à exaustão, só por Ele vale alguma coisa para Lhe agradecer.

Padre Carlos

6/3/93

Há tanto tempo que não aponto as minhas impressões! Nem apeteço... É tudo tão vazio que ficamos apáticos e sem forças. Compreendo agora melhor os braços caídos, com resignação, deste nosso povo.

— Queixe-se — disse eu ao Mateus — dos soldados que roubaram os 75 mil kuanzas a sua mulher.

— Para quê e a quem? — respondeu ele com olhos mansos.

— Deus está longe, Ele nos esqueceu... — disse outro com uma voz vinda lá do fundo da sua amargura.

Sei, Senhor, que não

esqueces; porém, nem sempre compreendemos os Teus caminhos.

7/3/93

Hoje, a leitura do Livro do Êxodo: O Povo de Deus pelo caminho do deserto. De dia, numa coluna de nuvem; de noite, numa coluna de fogo.

Hoje, logo de manhã, apareceu este Povo de Deus fugido aos horrores da guerra em Cacusos, que fica

a 60 Km de distância. Uma longa caminhada!

De dia, a «coluna» das matas; de noite, a «coluna» de alcatrão da longa estrada. As crianças, estropiadas; os velhos, a não poderem...

Matança de inocentes!

8/3/93

— Dormimos com o nosso medo... Entre a cidade e o Lombe, somente nós. Até a polícia de controlo mais próximo se retirou para a cidade.

E que luar mais belo na quietude das coisas! Nem uma aragem... Só, aguçando este silêncio, o pio de um pássaro nocturno!

De manhã — graças ao Senhor por mais este dia!

Para o começo, o curativo a um jovem com a cabeça a sangrar. Bateram-lhe e roubaram-lhe 40.000 kuanzas.

Logo após, veio o nosso pedreiro Adão a pedir o tractor para levar o resto dos móveis para a cidade: «Um grupo armado — disse — levou-me roupas, dinheiro, comida e as cabras!»

As cenas, frutos desta guerra entre filhos da mesma Pátria, vão continuar.

Logo, será noite... Costumamos entrar na nossa Capela para arrancarmos do Senhor o alimento da Esperança.

10/3/93

Fala-se tanto no problema da fome... Estatísticas de todo o feitio: No mundo, em cada dois segundos morre à fome um menino; nos mesmos dois segundos, as nações gastam dez milhões de escudos em armamento! Também impressionante o

dístico em letras gordas: «Menos canhões... Mais pão...»

A verdade, porém, é que as crianças continuam a morrer e os canhões matando inocentes.

As nações grandes podiam dizer: — Basta! Não dizem. As crianças e os inocentes não são pedras do seu xadrez político e económico.

— Basta! — deviam dizer as vítimas... — não nos usem. Mas não dizem. Precisam do punhado — ração de arroz — para sobreviverem.

Partilhando

• Prioritário, neste momento angustiados, irmos ao encontro dos Pobres. Nesta hora, todo o Povo o é. Por outro caminho não chegaremos à nova Evangelização. Nova no sentido de renovação.

Renovar implica conversão. A nossa — da Igreja aqui e agora — para uma evangelização que, como vestido novo, informe e apañe o homem todo.

O nosso modo de estar no meio do Povo (poder e autoridade) será eficiente e renderá para o crescimento do Reino? Embora cheios de boas intenções, se em cima do pedestal, não acontecerá comunhão. Dar e receber... O Senhor desceu. Veio até nós. Fez-Se pequenino e pobre.

Despojado dos bens e com a alma vazia de sentimentos fraternos por tantos anos de violência, o homem angolano é, na verdade, um Pobre de Javé.

Terreno fértil à loucura do Evangelho quando for-

mos até ele numa comunhão de partilha e de amor.

• Onde os caminhos da paz?! Somente no coração do homem quando se converter ao amor.

O amor é a fonte do diálogo, da justiça e do perdão.

É fonte do respeito pelo Outro e onde não cabem o ódio e a violência.

A escola das armas deu à nossa juventude uma cultura de agressividade e de violência; alimentada pelo fanatismo partidário.

Ninguém se pode glorificar como detentor da verdade total. Amando, somos levados, naturalmente, a reconhecer as nossas limitações e as virtudes dos Outros. Necessária e urgente esta compreensão mútua como caminho do diálogo que nos conduzirá à paz.

• Muito importante o papel de todas as Igrejas na criação duma ordem nova e no ressurgimento de uma nova cultura.

Pregar, ensinar e fazer... Limpar escolas, pintar-lhes as paredes e substituir as latas do leite por assentos de pessoa.

Lavar a cara, o corpo e a alma dos nossos hospitalais.

Que brotem, de novo, os jardins e os parques onde as crianças regurgitem.

Se o Estado não varrer a nossa rua, vamos nós varrê-la.

Não nos fiquemos nas críticas à guerra e nas lamúrias dos roubos, mas vamos — cada um — fazer algo de bom e positivo: Dar a mão a um mutilado, vestir o nu, repartir o alimento, plantar um mamoeiro e, sobretudo, não destruir mais... Já chega!

Se cada um de nós sorrir e plantar uma flor, serão milhões de sorrisos e milhões de flores que abafarão o orgulho das armas!

Padre Telmo

A Porta Aberta

Vou servir os Pobres

Não disse, mas podia ter dito, no requerimento que fiz ao meu Bispo pedindo para ser ordenado sacerdote, «se digno elevar-me à Ordem dos Presbíteros».

Vejo a minha ordenação como uma elevação, não como o mundo vê o subir os degraus da escala hierárquica, mas como a elevação de Jesus Cristo no Calvário — ficar suspenso entre o Céu e a terra, assumir uma vida de Cruz para que Deus fique mais perto dos homens e estes se aproximem mais de Deus.

Quem assim vive, só pode ter uma morte semelhante à de Cristo, mas também uma vida como a d'Ele — da qual jorram águas vivas em direcção à Vida eterna, mas que são vida já hoje!

Jesus espalhou a Vida por onde passou, mas ela só brotou em definitivo, acessível a todos os que a queriam receber, na Cruz. É este o caminho para os Seus discípulos, em especial para os chamados a ser como Ele, pastores, sacerdotes... — para mim.

A Obra da Rua é lugar onde se vive esta Cruz. Não de modo fechado mas de Porta Aberta. Por isso dela jorram essas águas vivas que a muitos saciam — vejam-se os testemunhos daqueles que nos conhecem!

Quanta sede os Pobres não têm hoje desta água! Se calhar mais ainda que no tempo de Pai Américo! Quantos mais Pobres (da Rua) não há hoje?! Por isso a Obra da Rua se impõe como necessária hoje, ainda mais que ontem. Não saciará a todos, mas trará a Esperança e a Vida a muitos, por estar suspensa entre o Céu e a terra.

Jesus é a Porta (para a Vida)! A Obra da Rua é a Porta Aberta para Jesus! Os Pobres são os convidados da Festa! Eu vou servir os convidados.

Diácono Júlio Pereira

Cartas

«O vosso Jornal, que também é nosso, continua a ser como o vinho do Porto: quanto mais velho melhor. Desde que se começa a 'beber' vai até à última gota. Bem haja pelo bem que nos faz.

Assinante 19849»

«Grato por me enviarem sempre O GAIATO. É a única coisa que me ajuda a viver! Tenho muitos problemas, mas é a cruz de cada um, e Deus me ajude a ter paciência para os suportar. Que o Espírito de Deus guarde a minha alma para a Vida Eterna. Ele não me abandonará. Tenho fé!

Assinante 32762»

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788098 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239